

PERELMAN ARRASA NOS USA



"Se o movimento bossa nova produziu apenas este disco já estaria plenamente justificado", escreveu a revista *Down Beat* à propósito do debut instrumental de Tom Jobim nos EUA. The composer of *Desafinado* plays, no começo dos anos 60. A mesma revista, reduto inexpugnável do jazz americano, em sua próxima edição, volta acumular de superlativos um músico brasileiro. Só que desta vez trata-se, praticamente, de um desconhecido, o sax-tenor paulista Ivo Perelman, de 29 anos, que estréia no pequeno selo K2B2, coadjuvado por estrelas como o casal Airto (percussão) e Flora Purim (voz), o baixo de John Patitucci (sensação aqui na exibição da *Elektric Band* de Chick Corea no *Free Jazz*), os teclados de Don Preston (que tocou com Frank Zappa e Carla Bley) e o piano de Eliane Elias e a bateria ex-*Weather Report* de Peter Erskine. Seu CD, Ivo, lançado no final de fevereiro conferindo um tratamento free jazz a algumas

cantigas de roda brasileiras, o tango *El día en que me quieras* e o clássico *Cais*, de Milton Nascimento, foi contemplado com quatro estrelas e meia de um máximo de cinco, entre as cotações very good e excellent da revista.

Ex-violonista erudito, versado em Bach e Villa Lobos, Perelman passou pelo cello, trombone, clarinete e piano, antes de mudar-se para os EUA em 81, para cursar a notória *Berklee School*, de Boston. Mas escapou ao lay out sanitizado do estabelecimento, fixando-se em influências mais libertárias, do sax ácido de Albert Ayler (1936-70) ao anárquico sax de Pharoah Sanders. Para o crítico Bill Milkowski, da *Down Beat*, estas descendências não impedem uma fala própria e original: "ele tem uma das mais distintas e imponentes vozes de tenor que já apareceram nos últimos anos". Para ouvidos brasileiros (o lançamento aqui ainda é incerto) Ivo oferece um, perdão, pacote coeso de estranhamentos e familiaridades. Se a desconstrução free de *Escravos de Jó* (submetida ao fluxo de gargarejos vocais percussivos de Flora Purim) beira o paroxismo atonal, esquadrihando a singela linha melódica pelo avesso. Nesta rua (uma Flora ao fundo acaricia a letra) segue o lirismo nato da cantiga de roda, mesmo que o improvisado sintetize outro canal melódico.

Não se assustem com a inserção de *El día en que me quieras* entre *Ciranda cirandinha* (num pique de samba) e *O cravo e a rosa* (levada em marchinha carnavalesca): o delicado (e até nostálgico) desempenho de Perelman, adubado pelo piano acústico de Eliane Elias evita qualquer gato barbiagem. Ivo não cede a tentação da aspereza pela mera iconoclastia; nem se deixa adocicar pelos chicletes de ouvido do repertório de perfil folk. Faz deslizar seus sopros depurados entre a placidez naïf e o caos projetado — a exemplo de Jobim, Perelman estudou arquitetura. Seu edifício sonoro audaz combina solidez e planos de abismo. Nem tudo que o Brasil exporta acaba em lambada. (Tárik de Souza)

(Transcrito do "Jornal do Brasil" de 22/3/90).